

DISCURSO DE POSSE DA ACADÊMICA LUCINDA NOGUEIRA PERSONA



CARTAS AO TEMPO

2

*Deus disse: Vou ajeitar a você um dom:
Vou pertencer você para uma árvore.
E pertenceu-me.
Escuto o perfume dos rios.
Sei que a voz das águas tem sotaque azul.
Sei botar cílio nos silêncios.
Para encontrar o azul eu uso pássaros.
Só não desejo cair em sensatez.
Não quero a boa razão das coisas.
Quero o feitiço das palavras.
(Barros, 1998)¹⁴*

É assim, vestida de poesia, que aqui chego.

É com este poema do cuiabano Manoel de Barros que faço meu traje de gala para, na alegria desta noite, entrar nesta casa, a Casa Barão de Melgaço, no coração de Cuiabá, esta cidade quase tricentenária, no coração da América do Sul.

A singularidade do poema, o que nele mais apraz, ultrapassando os limites da experiência real reside no fato de trazer em si a razão de sua própria existência. O poeta expressa o processo criativo a partir de um misturar-se à matéria que o encanta e para a qual foi posto a jeito pelo Criador.

Esses puríssimos versos desvelam muito do motivo que me traz à Academia Mato-grossense de Letras. Aqui estou, porque *quero o feitiço das palavras*. Quero a sua força misteriosa e o desafio de ajustá-las ao sentimento do mundo. Quero o lugar onde as letras desabrocham entre aqueles que foram *pertencidos a árvore*; entre aqueles que escutam *o perfume dos rios* e usam *pássaros para encontrar o azul*. Quero o lugar que agrada ao espírito e que nos aproxima do mundo e da vida e nos forma e transforma. É a paixão pela escrita que aqui me faz chegar, como certamente atraiu todos os acadêmicos que aqui aportaram.

De perto, pois falo no agora solene deste hoje memorável, de perto, volto-me para olhar este lócus iluminado e sentir os ares dourados da noite. Volto-me para fixar os olhos nítidos de todos que aqui vieram para tornar mais doce e cristalina esta atmosfera, à semelhança de mil cajus cristalizados; corações fraternos que me proporcionaram a satisfação e a honra de suas presenças, as quais abraço num só e agradecido amplexo.

¹⁴ BARROS, Manoel de. *Retrato do Artista Quando Coisa*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Neste exato ponto, não me dispense de dizer que foram incontáveis as dúvidas no vir a ser deste discurso. Quanta inquietude. Como proceder para que nada me ficasse de fora, mas ao mesmo tempo o texto não fosse um nunca acabar? Como levantar este constructo de palavras se, no *Interlúdio* de Cecília Meireles¹⁵ há este anúncio: *As palavras estão muito ditas/ e o mundo muito pensado*. Como evocar vida e obra do Patrono e dos ocupantes insígnies de uma Cadeira Acadêmica, prestando-lhes a justa homenagem de perpetuação da memória, em face das medidas incomensuráveis de suas trajetórias?

Minhas indagações, aqui e ali partilhadas, perdidas em desarmonias, acabam encontrando ecos. Um deles vem da clarividência literária da amiga, acadêmica Yasmin Nadaf que, em mais de um momento advertiu: “Seu texto está praticamente pronto, reveja e reelabore nos moldes da carta que enviou aos acadêmicos antes de sua eleição”. Heureka! Como se resvalasse dos muros da aurora vibrou a voz da razão. Escolhi o que nomeio de Cartas, esta espécie de veículo epistolar, cujas raízes remontam às pretéritas eras das inscrições rupestres. Por esta via, estarei caminhando.

Passando, pois, a outro momento desta fala, com alguns desdobramentos por certo, mas não tão longos que nunca se acabem, gostaria de ponderar um aspecto singular do qual me dei conta somente quando já eleita, lancei-me ao estudo da fundação desta Academia e especificamente dos ocupantes da Cadeira n. 4.

Meus antecessores destacaram-se pelo espírito inquiridor daqueles que nascem com ideias e ações que germinam e florescem dadivosamente. Espíritos tomados de um lado pelo sopro confortador da literatura e, de outro, poderosamente nimbados por uma luz celestina. Eis aqui o ponto singular. A Cadeira n. 4 está coroada por um halo distinto, porquanto os três ocupantes e o Patrono foram sacerdotes.

Meus precedentes, grandes vultos que enriquecem o cenário cultural matogrossense, compõem uma augusta linhagem clerical a qual venho interromper. Entretanto, e que palavras não me falem para exprimir o que penso e sinto, embora eu esteja quebrando a continuidade monástica, não quebro a continuidade de almas maravilhadadas com o mundo e a possibilidade de louvá-lo. Não quebro a continuidade da fé cristã, nem da esperança. Não quebro a continuidade do amor ao próximo, da fraternidade e da perseverança em tudo que ao homem traga benefícios. Não desfaço o elo essencialmente literário, o gosto de navegar no revolto oceano das palavras. Não interrompo a linha de seda da poesia que faz contemplar o mundo como um milagre, que leva ao sonho, às gratas descobertas do espírito, às reflexões cosmológicas e muito mais.

Não quebro a continuidade com Dom Aquino em sua *Arte Poética*¹⁶ quando diz:

Estuda, estuda a fundo, noite e dia,
O belo idioma límpido e cantante,

15 MEIRELES, Cecília. *Viagem: vaga música*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

16 CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Obras (Poética, Nova et Vetera)*. Organização, preparo de textos e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva. Brasília, 1985. Vol. I, Tomo III. (Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor).

Para engastar a rima de diamante,
No ouro velho da clássica harmonia.

Não quebro a continuidade com Pe. Pombo nos ideais pedagógicos e cujos ensinamentos eram filtrados graciosamente através de diálogos em textos cênicos, como nesta fala do personagem:

Zé: - [...] e vou logo buscar meus livros, pois está quase na hora de ir para o meu querido colégio. Não quero chegar atrasado.¹⁷

E tampouco quebro a continuidade com Pe. Firmo na satisfação em ingressar nesta Casa. Em seu primoroso discurso de posse, ele proclama:

Esta Casa de Melgaço é nosso ápice. (...). Desde pequeno, acostumei-me a entrar aqui pelo pórtico das Cariátides, ostentando as mulheres mato-grossenses; também elas, lindas colunas a embelezarem este templo com os encantos de seus carismas. Vinha fazer companhia à minha idolatrada mãe, nas tertúlias mensais do Grêmio Júlia Lopes. Era a *Violeta Falada*, que se realizava neste salão esmaltado de saudades. As preleções castiças de Dom Aquino, Barnabé de Mesquita, Filogônio Corrêa, Gervásio Leite e outros, entrelaçavam-se com a música e a poesia das nossas beletristas.¹⁸

A linda metáfora usada por Pe. Firmo, a de adentrar pelo “pórtico das Cariátides”, em alusão às figuras humanas, geralmente femininas, esculpidas nas antigas fachadas gregas, empresta uma espécie de eterna harmonia aos ares fecundos desta Casa das Letras, ao evocar a presença feminina, iluminando e revalidando a mulher-artista. Grande Pe. Firmo.

Realmente, muito me honra e alegra estar na Casa Barão de Melgaço, chamada por Dom Aquino em certo momento de “florido parnaso de nossos beletristas”. Uma sucessão concedida graças ao generoso acolhimento dos notáveis acadêmicos, aos quais, de viva voz, registro um inicial e profundo agradecimento.

Postas estas considerações, farei a seguir uma aproximação maior às figuras do Patrono e dos três imortais que ocuparam a Cadeira n. 4, seguindo a ordem cronológica de ocupação e dedicando as primeiras linhas ao Pe. JOSÉ MANOEL DE SIQUEIRA com o título:

17 SILVA, Agnaldo Rodrigues da. *O teatro mato-grossense: história, crítica e textos*. Cáceres: Abrali Edições/Ed. Unemat, 2010.

18 DUARTE FILHO, Firmo Pinto. *Discurso de Posse do Acadêmico Pe. Firmo Pinto Duarte Filho*. Cuiabá, 1997.

A FLOR-ESTRELA

O padre José Manoel de Siqueira foi chamado por Dom Francisco de Aquino Corrêa de “a primeira flor da intelectualidade mato-grossense”. Esta é a última frase do instigante *Elogio* acadêmico¹⁹ que Dom Aquino (enquanto primeiro ocupante da Cadeira n. 4) fizera a 12 de dezembro de 1925, em sessão comemorativa do centenário de morte daquele sacerdote, promovida pelo Centro Mato-grossense de Letras.

A leitura dos manuscritos do padre-mestre Siqueira, acrescida da leitura de retalhos documentais de época, foram os elementos que descortinaram para Dom Aquino um cenário e uma trajetória tal que o levaram a transcender o âmbito da realidade e, através da imaginação, aproximar-se da vida daquele presbítero, uma vida, nas palavras de Dom Aquino, “inteiramente dividida entre a oração no templo, os estudos no gabinete e as pesquisas no seio misterioso e imenso da natureza”.

O próprio Dom Aquino assinala em seu *Elogio* que recorreu à fantasia para romper as fronteiras não vistas do tempo e reconstruir o ambiente e os fatos da época. Com efeito, a imaginação se mostra como um caminho através do qual o poeta Dom Aquino direciona seus sentimentos mais profundos para estabelecer a denominada comunicação indivíduo-universo. E isso é realizado por ele através de uma teia poética fascinante, estendida desde o seu espírito iluminado até a temporalidade de uma Cuiabá colonial.

A imaginação é uma estratégia para em letras desenhar o passado.

Não muito se sabe da trajetória do clérigo José Manoel de Siqueira, filho de Antônio do Prado Siqueira e nascido em 1750, em Cuiabá, então recém-desmembrada de São Paulo e elevada a capitania. José Manoel de Siqueira contava 32 anos de idade quando, em 1782, ordenado padre no Rio de Janeiro, retorna a Cuiabá. Fato registrado nos Anais do Senado da Câmara.

Padre Siqueira permaneceu em sua capitania natal ao redor de oito anos e, em 1790 viaja para Lisboa, consagrando-se aí aos estudos de Filosofia e outras áreas dentro da História Natural, pela qual nutria um ardoroso interesse. Ele viveu por vários anos na terra de Camões, num momento em que a Europa era um caldeirão efervescente de ideias e de importantes avanços na Ciência. Lá, o padre José Manoel de Siqueira tornou-se sócio efetivo da Academia Real das Ciências de Lisboa.

Com extensa provisão de saber, e nomeado “professor régio de Filosofia Racional e Moral”, ele retorna ao Brasil, para ficar na cidade onde nascera. Deu-se a 15 de julho de 1798 a chegada do padre-mestre a Cuiabá, fato magistralmente descrito por Dom Aquino e sua força imaginante, quando inclusive visualizou um rito litúrgico no âmago do sertão, para o qual usa uma frase de admirável beleza: “O altar flamejava todo em ouro nas ondas luminosas do dia”.

No acender das luzes do século XIX, inícios da seca do ano de 1800, numa exaustiva, mas abnegada pesquisa botânica, o padre Siqueira descobre a árvore da quina

¹⁹ CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Obras (Discursos)*. Organização, preparo de textos e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva. Brasília, 1985. Vol. II, Tomo I.. (Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor).

ou da casca peruviana, nas proximidades do Morro São Jerônimo, na Serra da Chapada dos Guimarães.

Dom Aquino refere um total de seis “Memórias” escritas por José Manoel de Siqueira, das quais lhe foi possível ler apenas duas. Isso bastou para que elaborasse seu importante *Elogio*, misto de crônica e memória, onde defende a inclusão do nome do clérigo Siqueira na que ele chamou de “galeria glorificadora dos patronos das boas letras mato-grossenses”.

Há onze tópicos no discurso de D. Aquino ao padre José Manoel de Siqueira.

No tópico introdutório, Dom Aquino, desde o seu século XX, contempla o século anterior e, numa representação contextual primorosa, recupera justamente o dia dos funerais do padre-mestre Siqueira. A morte o alcançou (ou talvez o tenha esperado) no crepúsculo da existência, aos 75 anos de idade, no dia 12 de dezembro de 1825. Foi posto a descansar, por uns poucos membros da clerezia local, na Capela dos Passos, em meio ao silêncio público, sob a aclamação macia e silenciosa da paisagem colonial. Isto, sete anos após Cuiabá ter sido elevada à categoria de cidade.

Os demais tópicos do *Elogio* de Dom Aquino são esclarecedores da trajetória do padre-mestre Siqueira e foram assim nomeados: o sacerdote, o estudante, o sócio da Academia Real das Ciências, volta aos lares, o naturalista, a Serra da Chapada, o inventor da quina, o romance da quina, o escritor e o homem, peroração.

O *Elogio* de Dom Aquino constituiu-se numa fonte essencial, eu diria numa chave providencial, que me permitiu avançar e resgatar para este momento ímpar a figura memorável do padre Siqueira. E encareço que se trata de uma referência importante a todos que aspirem lançar mais luzes sobre a trajetória, vida e obra daquele presbítero. Ele é citado como “exímio aquarelista”, onde estão suas pinturas?

Vários aspectos me identificaram com o universo do padre-mestre Siqueira, como sejam: o magistério, a escrita... Entretanto, o principal link (usando uma expressão da moderna web), foi o gosto pela botânica. Embora eu seja uma bióloga especializada em morfologia animal, é na flora que encontro sossego e quietude, conforto e sonho.

O padre-cientista Siqueira teve na descoberta da árvore da quina um de seus feitos mais significativos e exaltá-lo nesta realidade pareceu-me boa medida, principalmente quando, ao pesquisar a taxionomia da mencionada planta, deparei com uma espécie cujas flores, de rara beleza, são pequeníssimas, em formato de estrela, com cinco pétalas pontiagudas, de textura e tonalidade lunares. Flores que conclamam à poesia.

Por isso, é com um poema que a ele expresse um terno tributo:

Desabrocha
mínima e imaculada
tão branca
como é branca a estrela matutina
a flor da quina do Cerrado.

Que os versos desta pequena homenagem ao padre Siqueira, nestes inícios da primavera de 2014, possam adejar como eterno pólen no ar livre da cuiabania.

Cumpre agora dirigir minhas palavras ao primeiro ocupante da Cadeira n. 4: DOM FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA, dedicando-lhe a página:

PARA ALÉM DO AMANHÃ

De quando em quando, estando o sol, a lua e as estrelas em seus giros costumeiros, em algum lugar de nosso vasto planeta, surge uma vida que traz consigo o coração em chamas. Um coração inflamado por paixões, uma das quais, a terra natal, e que o faz cantar em versos emblemáticos:

Eis aqui, sempre em flor, Mato Grosso,/Nosso berço glorioso e gentil!²⁰

Bastam estes dois versos do Hino de Mato Grosso, escrito pelo memorável Dom Aquino Corrêa, para ver aí um esplêndido e convincente exemplo de amor a terra. O Hino de Mato Grosso constitui-se num verdadeiro tesouro de palavras bem pensadas e ordenadas, fonte inesgotável de emoção, capaz de nos despertar novos devaneios no universo da poesia. São incontáveis as pessoas cujos corações se desmancham já aos primeiros acordes musicais desse hino.

Que surpreendentes e fascinantes são essas horas quando mergulhamos na história de vida de um sonhador. De um homem que não pode ser descrito em poucas palavras, como é o caso de Dom Aquino. Sacerdote, Poeta, Orador, Educador, Bispo e Arcebispo de Cuiabá, Presidente do Estado de Mato Grosso, Fundador da Academia Mato-grossense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, Membro da Academia Brasileira de Letras, entre outras representações oficiais importantes no país e no estrangeiro.

Em 1993, trinta e sete anos após a sua morte, surge uma biografia sobre sua vida e obra de autoria do Pe. Pedro Cometti²¹. Este autor recupera com propriedade traços pouco conhecidos de quem ele chama de “um homem de Deus e da Pátria”, porquanto lhe fora discípulo, secretário e filho espiritual. Esse livro biográfico assume características de um romance, com dois momentos (o do nascimento e o da morte) balizando e transportando à temporalidade marcante do Segundo Arcebispo Metropolitano de Cuiabá.

Assim, as datas de 2 de abril de 1885, Cuiabá-MT e 22 de março de 1956, São Paulo-SP, marcam o espectro temporal de quase 71 anos em que cintilou a figura de Dom Aquino, filho de Tomás de Aquino Corrêa e Maria d`Aleluia de Aquino Corrêa.

Dos mergulhos no universo biográfico do eminente Dom Aquino, ouvi também a voz significativa de Germano Aleixo Filho em sua Oração²², proferida a 6 de

20 CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Obras (Poética, Terra Natal)*. Organização, preparo de textos e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva. Brasília, 1985. Vol. I, Tomo II. (Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor).

21 COMETTI, Pe. Pedro. *Dom Aquino Corrêa. Arcebispo de Cuiabá: vida e obra*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1994.

22 ALEIXO FILHO, Germano. *Oração a Dom Francisco de Aquino Corrêa*. Grandemente Simples, Simplesmente Grande. Cuiabá: o Autor, 2008.

junho de 2008, quando recebeu a Ordem do Mérito Legislativo Dom Francisco de Aquino Corrêa. A oração tem por título *Grandemente simples, Simplesmente grande*, denominação mais do que justa ao extraordinário sacerdote, de imensa estatura lírica e tão precoce nos talentos com os quais se distinguiu.

Em Dom Aquino, a poesia é um mágico prisma através do qual ele contempla tanto o passado quanto o presente e o futuro. É um poeta que mergulha nas profundidades da língua para emergir com cânticos harmoniosos e plenos da mais fina sensibilidade, expressando as dores e os júbilos do mundo. Torrencialmente, ele nos fala daquilo que conhecemos: a terra, a família, a vida, a morte, o tempo, os astros, a fé, a esperança, mas, sobretudo, canta a “grandeza de Deus em cada coisa”, conforme seu poema “*Flor estranha*”. Se a ele algo escapou, ainda não sabemos.

A dimensão intelectual e espiritual de Dom Aquino está refletida em três obras de indiscutível supremacia: *Poética, Discursos e Pastorais*. Estas obras estão reunidas em oito livros num trabalho diligente e admirável de organização, preparo de texto e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva²³, por ocasião do centenário de nascimento de Dom Aquino.

Em se tratando deste luminar da constelação eclesiástica, toda celebração será sempre insuficiente quando cotejada com sua nobreza. Ficaremos sempre em dívida para com este expoente da história cultural mato-grossense, que lia no original os épicos universais gregos e italianos, e que se autodenominou “um humilde cultor das letras”. Isto, absolutamente, me cala. E Minerva, a deusa da sabedoria, aprova.

Com ingredientes vigorosos, radiantes e envolventes, Dom Aquino, como poucos, deu-nos a conhecer o florido de seu chão natal. Que os filhos deste mesmo chão possam manter sua luz para além do amanhã.

Prossigo, neste momento, com outro magno personagem e suas ações, o segundo ocupante da Cadeira n. 4, Pe. RAIMUNDO CONCEIÇÃO POMBO MOREIRA DA CRUZ, que trago à cena desta noite com o fragmento:

UM PAPEL QUE RESPLANDECE

Cada vida tem uma dinâmica incomensurável, nuances características, tornando-se apaixonante, mas ao mesmo tempo difícil, o desvendamento de uma trajetória daqueles que foram múltiplos, atuantes, diligentes, comprometidos com seu tempo, daqueles que se doaram às funções propagadoras da fé, da paz e da educação. Tudo isso se reflete poderosamente na história de Pe. Pombo.

Ele foi uma das personalidades mais prestigiosas da história eclesiástica, cultural, educacional, literária e sócio-política de Mato Grosso.

Seria agora o justo momento de se indagar: de quantos atos se compôs a vida de Pe. Pombo, desde o levantar até o baixar das cortinas? Certamente, milhares. E, no teatro da existência, a melhor hora para entrar é na primeira cena do primeiro ato.

²³ CORRÊA, Dom Francisco de Aquino. *Obras*. Organização, preparo de textos e anotações de Corsíndio Monteiro da Silva. Brasília, 1985. 8 v. (Edição comemorativa do centenário de nascimento do autor).

Pe. Pombo, como era geralmente chamado pela comunidade que o cercava, nasceu em Corumbá, Mato Grosso do Sul, a 8 de dezembro de 1913. Tivemos, assim, no ano passado, a marca centenária de seu nascimento. Seguindo um desenho linear biográfico deste sacerdote, sabe-se que realizou seus estudos iniciais em Corumbá, MS, tendo estudado também em outros centros tais como: Campo Grande, MS; Campinas, SP; São Paulo, SP, até ordenação sacerdotal em 1943.

Sem poder referir todos os atos, o grande papel que resplandece em Pe. Pombo é o de sacerdote, ao qual se somam as atividades literárias, teatrais e educacionais ao longo da vida. Faleceu aos 82 anos, no dia 29 de julho de 1996, em Cuiabá-MT, velado no Colégio Patronato Santo Antônio.

Nas incursões para obtenção de dados sobre vida e obra deste eminente personagem foi possível um encontro feliz, ou seja, com o extraordinário estudo realizado em torno do teatro mato-grossense pelo acadêmico Agnaldo Rodrigues da Silva²⁴ que, em certo momento, assim se expressa:

Padre Pombo é o principal dramaturgo de Mato Grosso. As peças teatrais que produziu estão localizadas nas décadas de 50 e 60 do século XX, abrindo caminhos a uma nova tendência teatral no Estado, o teatro religioso, político e sócio-existencial. Não escreveu apenas teatro, pois sua produção permeia o romance, a poesia, a história e a educação. Nem todo acervo das produções desse admirável escritor está à disposição para acesso, porém os abaixo elencados oferecem-nos um limiar sobre as peças teatrais que escreveu. *Sinal Misterioso. O último pelotão. Educação Moderna. A Múmia de Tibiriçá. Caduquices de Avô*

Cada ser humano assume um papel nos palcos do mundo e bem-aventurados são aqueles que o fazem para uma realização profissional e espiritual. Pe. Pombo, além de representar “*A vida na hora, / Cena sem ensaio*”, segundo os densos versos da polonesa Wislawa Szymborska²⁵, também jogou nos palcos seus próprios personagens. Para ele, o aplauso admirado e eterno.

Se existe um meio suscetível de realçar realidades intocáveis, este meio é a escrita. A força desta viagem fantástica através da memória. É dentro desse pressuposto que faço minha homenagem ao terceiro e último ocupante da Cadeira n. 4, o brilhante Pe. FIRMO PINTO DUARTE FILHO, na composição que denominei:

BREVE PASTORAL

Tarde de setembro. Com tais palavras, estabeleço um tempo presente. Mas, o que é o presente, se inventamos, entre auroras e crepúsculos, um calendário que é só

²⁴ SILVA, Agnaldo Rodrigues da. *O teatro mato-grossense: história, crítica e textos*. Cáceres: Abrali Edições/Ed. Unemat, 2010.

²⁵ SZYMBORSKA, Wislawa. *Poemas / Wislawa Szymborska: seleção tradução e prefácio de Regina Przybycien*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

de saudades? Tarde de setembro, volto a escrever, para não desviar o curso de uma rota nascente. A tocha amarelada do sol reverbera na paisagem. Respiro o ar quente e seco. Talvez seja um paradoxo, mas, para ver meus pensamentos, fecho os olhos. Preciso tocar o destino de um homem, preciso encontrá-lo em sua viva grandeza. Para isto, é necessário que meu coração peregrino se dirija até as lonjuras do ontem, esse lugar intransitável que se acumula no tempo da alma. São enormes as forças do sonho. Elas nos aproximam de terrenos invisíveis, de tempos em que não estávamos. Quando Cecília Meireles²⁶ anunciou “*o passado não abre a sua porta*”, no *Romanceiro da Inconfidência*, soube reforçar essa impenetrável dimensão para o corpo físico, mas não o espiritual. E quando a poeta prossegue dizendo: “*Mas, nos campos sem fim que o sonho corta*”... Isso basta para que fique claro o veículo para a viagem fabulosa.

E o sonho corta tempo e distâncias. Para além dos meus sentidos materiais, está uma aprazível cidade mato-grossense – Cáceres – estendendo-se em pura quietude às margens do rio Paraguai. Vejo-a quase ao final da segunda década do século vinte, banhada de luz e sombra. Corre o mês de janeiro. A densidade do verde não é fictícia, nem o aroma provocativo das mangas e tamarindos. E, como em toda cidade, vejo suas ruas e casario, suas vidas e seus mistérios. Ali, vive a família deste sonho que já transmigra para a realidade. O pai é telegrafista, chama-se Firmo Pinto Duarte. A mãe é professora, uma admirável e arrojada mulher que se convertia e já era história: Maria Dimpina Lobo Duarte.

Aos 16 de janeiro de 1928, nasce o filho caçula da família e recebe o nome de Firmo Pinto Duarte Filho. Nasce para seguir uma trajetória singular e soberana. Uma trajetória pautada pela nobreza de coração, pela fé e coragem, pela busca do conhecimento e do entendimento do mundo e do homem. Sua vida transcorre. Vai à escola, faz amigos, segue de mãos dadas com os sonhos, descortina mundos novos. A carreira eclesiástica o levará vida afora.

Concluídos os estudos de Teologia, Firmo Pinto Duarte Filho é ordenado sacerdote na Catedral Metropolitana de Cuiabá, desdobrando-se em fecundas e representativas ações de sentido humanístico e espiritual. Através do sacerdócio, do ensino e da escrita, Pe. Firmo ilumina o “corpus documental” eclesiástico e cultural de sua terra, e não somente. Sua biografia é apresentada com propriedade e beleza pela Missão Salesiana de Mato Grosso²⁷, em 2005, destacando que “na pessoa de Pe. Firmo estiveram em ação dinâmica duas forças poderosas: sua cultura cuiabana e o carisma salesiano (...). Pe. Firmo encerrou com brilhantismo e profundidade sua história em Cuiabá”. De fato, após um dia dedicado aos fiéis e aos louvores, na noite de 8 para 9 de março de 2005, aos 77 anos de idade, Pe. Firmo dormiu e não mais acordou.

Aqueles que tiveram o privilégio de conhecer e acompanhar a atuação salesiana do Pe. Firmo na Paróquia de São Gonçalo, no Porto, podem, nesta noite, endossar

26 MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da Inconfidência; Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

27 MISSÃO SALESIANA - www.missaosalesiana.org.br/falecidos.

esta breve pastoral de admiração. Pastoral que não posso encerrar sem dizer que Pe. Firmino tomou posse na Academia Mato-grossense de Letras a 8 de dezembro de 1997, data que lhe era cara e significativa. Iniciou seu belíssimo discurso proclamando o fragmento com que ora termino: *Grande é este dia que o Senhor fez! Alegremo-nos, e nele exultemos!*

Passo agora para a última fase desta missiva, e que me pareceu por bem denominar:

NO FIM, OS AGRADECIMENTOS SEM FIM

Um agradecimento inicial que acompanhe par a par a perenidade desta Academia, e que faço justamente a quem me oferece as boas-vindas: a acadêmica Yasmin Nadaf. Um vivo agradecimento por seu espírito aberto à minha obra e por sua primorosa recepção, lavrada num discurso generoso, que foge das fronteiras de um texto rico e depurado para transcender ao território das mais sonoras e mágicas ressonâncias. Yasmin Nadaf, não somente a ímpar escritora/pesquisadora, mas também a amiga/irmã que me fora apresentada, nos inícios da década de noventa, casualmente, vejam só, pelo *Jornal do Brasil*, exatamente assim, quando eu lia a resenha de seu primeiro livro *Sob o signo de uma flor*²⁸. Logo a seguir, vieram reportagens nos jornais de Mato Grosso sobre o lançamento. E para lá, para a noite de autógrafos, me transportei.

De fato, os livros nos concedem a graça de fazer amigos. Foi assim também com a acadêmica Marília Beatriz de Figueiredo Leite, quando iluminou meus passos na publicação do meu primeiro livro de poemas, o intitulado *Por imenso gosto*, sugestão desta intelectual da mais fina estirpe. Obrigada, Marília Beatriz.

Muito obrigada, poeta e acadêmico Tertuliano Amarilha, por me presentear com *Momentos de transfiguração*, soberanos versos que me chegaram com a luz das minas faiscantes. Muito obrigada, nobre acadêmico Avelino Tavares que, através de sua mágica Janela do Tempo, lança saudações ao mundo e à vida, sendo uma delas a mim dirigida num dia distante que jamais se perde no tempo do coração.

Nos momentos mais gratos da existência, naqueles em que o júbilo é a tônica, há muitos lugares de honra. Um deles é o sentimento da terra, o afeto pelo lugar onde se vive. Um sentimento que, em mim, põe em alvoroço caras lembranças, surgindo num balé silencioso de pássaros assustados, acima das águas e abaixo deste céu que sabe ser azul quando cessam as queimadas.

A busca de novas oportunidades de trabalho, reforçada pelo eterno fascínio de novas terras, foram razões pelas quais meu pai trouxe a família para Cuiabá, numa mudança surpreendente. Aqui aportamos no entardecer do dia 2 de fevereiro de 1965. Guardei muito bem a data e o encontro com a cidade. Cheguei observando tudo: a beleza calma aquecida por tardes candentes, o verde intenso, as casas e nenhum edifício, ainda.

O primeiro chão que pisei foi o do Porto, na pequena praça junto ao então Colégio Senador Azeredo, agora Casa do Artesão. Com meus pais e cinco irmãos ado-

28 NADAF, Yasmin Jamil. *Sob o signo de uma flor. Estudo da Revista A Violeta, publicação do Grêmio Literário Júlia Lopes – 1916 a 1950*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

lescentes, eu fixei residência a Rua 13 de junho, num local cheio de graça e doçura, vizinhança com raízes e postura generosa e delicada para com os recém-chegados.

Por oportuno, quero assinalar que nasci em Arapongas, Norte do Estado do Paraná, na então denominada Fazenda Gaúcha, exatamente onde passa o Trópico de Capricórnio. Desabrochava ali uma vegetação típica, maculada pela intensidade dos cultivos cafeeiros, povoada de animais nada estranhos, ao sopro de ventos ora brandos, ora tempestuosos. De minha estada naquele lócus, ficaram imagens fabulosas: a terra -roxa, a silhueta mutante das nuvens claras e sombrias, as chuvas, e, quando olhava para o céu nas noites mais claras, a fulguração misteriosa das estrelas. Imensas ilhas leitosas girando a anos-luz dos meus sonhos. Lá, tenho a sensação de que o céu é mais próximo do chão do que em outro lugar.

Entretanto, dentro do princípio da moderação, devo retomar o tópico conclusivo.

Aos amigos que tenho nesta terra mato-grossense, a todos que compartilham comigo este raro momento, o meu entusiástico muito obrigada.

E, de acordo com a bela forma de Dom Aquino, eu agradeço “com todas as veras do coração” o apoio, o companheirismo e o carinho de minha família, os Nogueiras representados pelos meus irmãos: Darcy Nogueira, Iolanda Nogueira Lino da Silva, Olanir Nogueira Paranaguá, José de Souza Nogueira e Wilson Nogueira, com seus cônjuges, filhos e netos. Expresso também viva gratidão ao meu marido Walter Persona, sempre me encorajando para as conquistas importantes. Os demais Personas, neste momento festivo, faço representar pelo casal Alcides Persona e Rosa Maria Jorge Persona, também fígados pelo encanto, pela riqueza cultural e pela amabilidade mato-grossense.

Completando o sentido deste significativo dia, trago para perto a memória de meus pais: Maria de Souza Nogueira e Simeão Lopes Nogueira, nascidos em Minas Gerais, sonhadores contumazes quando se tratava da formação e ascensão humana, espiritual e profissional dos filhos; jamais afastados da plataforma soberana da sensibilidade, do amor zeloso, da fé e da coragem. Trazê-los à memória é abrir comportas, é aproximar-me daquilo que sou, é expandir-me às raízes, pousar na infância e escutar o voo silencioso das palavras, abrindo-me portas ao conhecimento não apenas do mundo, dos seres e das coisas, mas também descortinando caminhos ao meu próprio conhecimento e a este ofício inefável que é a escrita, ofício que traduzo um pouco em meu poema:

PRIMEIRA ESCRITA²⁹

Minha primeira escrita foi a lápis
As recordações estão frescas
e ainda sinto o fino sem gosto
do estilete de grafita
(do sol)
à sombra da língua torcido

29 PERSONA, Lucinda Nogueira. *Leito de Acaso*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

em lentas concentrações
O lápis era um pouco de silêncio
ao sabor dos meus dedos
Era cheio de uma vontade própria
que era só minha
e suavemente passeávamos
no horizonte da caligrafia
Tenho para mim
que eu dava vida ao lápis
fosse na escola ou na lição de casa
Meu lápis:
horizontal dentro do estojo
Dormi ali
É nele que ainda mora o meu traço
penoso esforço
de em mil maneiras me escrever
errar, apagar e novamente escrever
até me tornar simples no que vou dizer.